

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 19 de Novembro de 2014

Texto de referência: J. Carrón e D. Prospero «NÃO SOU QUANDO NÃO ESTÁS AQUI», Revista Passos – Página Um (www.revistapassos.pt), pp. I-XVI

- *Barco Negro*
- *L'iniziativa*

Glória

«Acordei, tremendo, deitada n'areia. Mas logo os teus olhos disseram que não era feia, e o sol penetrou no meu coração», acabámos de ouvir. É o primeiro impacto da realidade que penetra no profundo do nosso eu. Podemos acordar a tremer, sentindo-nos feios, mas são outros olhos que me dizem quem sou e então o sol penetra no coração. E quando alguém vem e diz que ele se foi, a certeza, só a certeza desse olhar pode fazer dizer: «São loucas!», mas loucas, loucas, porque «eu sei meu amor que nem chegaste a partir, pois tudo em meu redor me diz que estás sempre comigo» («Barco Negro, fado português, letra de D. Mourão Ferreira). Porquê? Porque podemos dizer que está sempre comigo, aconteça o que acontecer, o que quer que pense, qualquer que seja a impressão que tenho de mim? Porque «eu não existia, e Ele criou-me/ eu não existia e Ele amou-me/ [...] foi Ele que tomou a iniciativa / então temos medo de quê?» («L'iniziativa» de C. Chieffo e M. Neri). Todo o problema, todo o drama da vida está aqui. Então o caminho a fazer é que se torne cada vez mais meu este olhar, que é a verdade sobre mim, a única verdade sobre mim, e não as impressões que eu tenho, não as imagens que eu tenho, não o sentimento que tenho, porque tudo isto é consequência de uma modalidade com que me olho, é o resultado de um juízo sobre mim que é errado, que é radicalmente errado, que é radicalmente falso, porque «eu não existia e Ele amou-me».

Mas não basta repetir isto, é preciso que se torne meu. Bem sabemos que entre o dizer e o fazer vai uma grande distância, porque é este olhar, este desejo que se ofusca e decai. Por isso da vez passada tínhamos acabado com uma pergunta que tinha chegado por email: «O que é que redesperta o nosso desejo, a nossa espera, a nossa vivacidade na rotina muitas vezes ofuscada por estes pontos mortos, por estes momentos de escuridão? Temos que viver a realidade, quer queiramos ou não, mas o que é que nos faz viver intensamente o real dia após dia? Às vezes eu queria ter um desejo maior, mas não mo sei dar». Tantas vezes nós decidimos antes de entrar na realidade o que é que nos deveria despertar. E cada um de nós, mal acorda, tem uma ideia do que o devia despertar, e por isso já decidiu que a grande maioria das coisas que nos acontecem não serão capazes de nos despertar; partimos de um ponto quase por *default*, porque já decidimos que certas coisas nunca nos despertarão e depois não podem despertar-nos. Pelo contrário, *don* Giussani introduz-nos à realidade sem nos permitir decidir antecipadamente, porque não sabemos como é que o Mistério, que nos toca através da realidade, nos pode alcançar ao longo do dia.

A esta pergunta: «o que é que desperta em nós o desejo, a espera, a vivacidade na rotina muitas vezes ofuscada por estes pontos mortos, por estes momentos de escuridão?» eu não saberia o que responder até há duas semanas atrás em que aconteceu...

Este é o ponto: nós não saberemos responder, mas o Mistério, em vez de nos dar lições, faz acontecer algumas coisas à nossa frente. « Eu não saberia o que responder até há duas semanas atrás em que aconteceu...» o que é que aconteceu?

Aconteceu que, começando a viver e a responder às provocações que a vida me punha, o meu desejo voltou a explodir, rasgando todos os limites e as medidas que eu lhe tinha construído à volta. De facto, há duas semanas, estando eu agarrada à definição que eu dava de mim própria

(isto é cheia de limites e incapaz), uma rapariga do meu curso, de forma surpreendente perguntou-me a mim e a outra amiga se éramos do CL. Nós ficámos espantadas, porque não percebíamos de onde tinha nascido semelhante pergunta e seguimo-la. Contamos-lhe algumas coisas sobre nós, sobre a nossa pertença ao movimento, sobre o facto que se ela queria mesmo conhecer-nos poderíamos ver juntas o video dos 60 anos do CL, feito de propósito para responder à pergunta que lhe tinha surgido. Com grande ironia Deus usou-nos como Seu instrumento. Esta rapariga, de facto, disse-nos que tinha querido conhecer-nos porque estava surpreendida pela nossa paz e alegria de viver. O seu desejo continuou e levou-a a ler e sublinhar o texto da Jornada de Início de ano passo a passo, a vir ao Angelus na universidade, a vir connosco à Escola de comunidade. A sua pergunta insaciável e a sua insistente necessidade de perceber mais a sua história cristã rompeu completamente as minhas medidas, e o seu olhar sedento e curioso entrou também em mim, em mim que já li muitas vezes o texto da Jornada de Início de ano, mas que tinha esquecido que a maior possibilidade da vida é começar a espantar-se com as coisas simples e aparentemente pequenas. O encontro com esta rapariga pôs novamente em marcha o meu desejo de conhecer, de viver com Cristo, que magnetizou tão potentemente para toda a vida esta rapariga. O facto de ter simplesmente aceite responder à pergunta tão aparentemente incómoda desta rapariga, sem me defender ou fugir, fez-me voltar a tornar-me viva e renascida no desejo de poder espantar-me a cada instante e não de refugiar-me no meu “já sabido”. Estou espantada que Deus me tenha voltado a dar a sede d’Ele, tenha re-começado a falar-me, só por lhe ter dito sim.

«O seu olhar sedento e curioso entrou também em mim». O olhar desta rapariga, inesperadamente encontrada, pôs em movimento o desejo até ao ponto de magnetizar toda a vida desta rapariga e fez renascer nela o desejo. E dizes: «Estou espantada que Deus me tenha voltado a dar a sede d’Ele». Como ta voltou a dar? Através deste imprevisto, um pormenor da realidade que pode ser, como neste caso, uma coisa estupenda ou que pode ser uma circunstância não tão estupenda. Alguns dizem que estas coisas só acontecem se se olham as montanhas e se se olha para coisa bela, enquanto que o acontecer de uma coisa feia não fala, não re-desperta, mas...

A 1 de março 2013 tive um acidente de carro, em que morreu a minha mãe e eu fiquei praticamente todo partido. Fui operado de urgência e fiquei alguns meses no hospital. Desde os primeiros momentos em que os meus amigos me vinham visitar, já no fim da terapia intensiva, a única coisa que lhes pedia era: «Não venham aqui para me consolar, para cancelar o drama que tenho, porque tenho necessidade de manter vivo este drama para me dar conta de Cristo feito carne». Além do mais, no início, eu vivia a fazer de tudo para sair o mais rapidamente possível do hospital: estava convencido que tinha de viver a realidade que tinha diante, mas para mim a realidade com Cristo era fora do hospital, onde estava sózinho durante 5 horas por dia (e no início sobretudo, as visitas eram esporádicas). Não estava ali dentro a realidade que eu queria. Lembro-me, por exemplo, do esforço incrível que fazia para tentar pôr-me sentado na cama, não conseguia e exausto voltava deixar-me cair na cama. Uma vez estava lá um amigo que me via fazer todas estas tentativas e eu disse-lhe: «Vês? Eu faço de tudo para me impôr naquilo que posso à realidade que tenho diante, mas, pelo contrário, percebo que é mesmo ali que Cristo me chama, com aquelas cinco horas por dia em que estou sózinho e imóvel. É com isto, com a realidade que tenho pela frente agora, que Deus me fala.» Falando com um amigo, meses mais tarde, ele dizia-me: «Estás a aprender um método, um método para a vida, é a realidade a ditar-te o método, não és tu que lho impões». E nisto, para mim foi fundamental seguir aquele lugar onde tinha acontecido o encontro que eu já tinha reconhecido como verdadeiro e essencial para recomeçar do nada que tinha naquele momento. Fundamental para mim foi o meu drama, ou melhor, o drama do meu coração, o drama que nasce do facto que a vida ou é vocação ou é nada, ou é relação constante com a iniciativa que Cristo toma contigo, com que te fala através da realidade ou é nada. Um exemplo é que uma manhã, há uns meses, acordei e finalmente sentia-me tranquilo. Pensei: «Já não tenho aquela inquietude que me assola todas as manhãs». Então tomei o pequeno-almoço com calma, preparei-me para ir à missa e passados 10 minutos já não aguentava e para minha grande surpresa, pus-me

a pedir para poder tornar a ter aquela urgência de coração, a urgência de viver, a minha urgência original (na medida em que sou homem) de cumprimento da minha vida. Porque eu tinha afirmado, tinha encontrado Aquele que respondeu e responde a isso. Comovo-me dando-me conta do meu seguimento. Foi comovente para mim a proposta de venda da Tracce, porque dizia a mim mesmo: que graça que alguém nos provoque a tomar consciência, a afirmar acompanhando-nos, a afirmar juntos diante do mundo que coisa tomou conta da nossa vida, por que coisa vale a pena viver, para que coisa nós vivemos! E como é comovente para mim participar na comunidade em todos os gestos que são propostos, porque, independentemente da consciência de quem ali está, eu dou-me conta de estar na companhia de alguém que clama por Cristo como eu, com quem posso descobrir Cristo. Como é comovente para mim, de manhã, começar o dia, por vezes surpreendendo-me no meu nada, precisamente lendo a Escola de Comunidade, voltando a dar-me conta que estou posto de frente do facto que Cristo, na circunstância que tenho diante, me pede para ser objecto e instrumento do Seu amor pelo mundo. Penso num colega meu de curso conhecido em Setembro, a quem dei a Tracce: fizemo-nos companhia até ao ponto de, primeiro, ter desejado partilhar comigo o gesto da caritativa, depois começou a vir também aos outros gestos. Um amigo meu este Verão perguntava-me: «Mas porque é que vives assim? Quando é que, assim, estarás alguma vez tranquilo na tua vida?» E eu respondi-lhe: «Vês? Até há dois anos eu teria lutado pela minha independência até na fé, hoje não posso prescindir da minha dependência total de Cristo». Não sei quantas vezes não fiz aquilo a que era chamado, certamente muitas, e quantas vezes não o faço e quantas vezes não o farei, mas não posso viver se não com o desejo de poder afirmá-Lo em cada instante e circunstância e de me dar conta de como me prefere em cada instante e em cada circunstância. O meu «sim» é, ainda agora, um «sim» imperfeito, instante por instante, mas sei em Quem consisto e sei que valor tem o meu seguimento.

Através daquilo que nos acontece o Senhor faz-nos aprender um método. Porque é a realidade a impor-nos o método, como nos disse don Giussani desde o primeiro capítulo de *O Sentido Religioso*. Mas tudo isto para nós é como um pressuposto, depois esquecemo-lo e decidimos por nós próprios que coisa é a realidade e qual é o método para vivê-la. Mas quando acontece uma coisa como aquela que contou o nosso amigo, misteriosamente é exactamente ali que começamos a aprender verdadeiramente o método para a vida. Um momento antes alguém procurava a independência, procurava a realidade onde pensava que estivesse (Cristo devia estar fora do hospital, não dentro), isto é, ao lado da vida verdadeira. E ao contrário um momento depois descobre que Cristo está precisamente onde Ele próprio nos pôs.

No serviço, uma paciente nossa, à qual eu era muito afeiçoada, esteve mal e isto determinou um pouco a disposição de todos, foi um facto que se impôs até pela própria dramaticidade da coisa. Nesta situação senti-me questionada na relação com ela. Vivi tudo isto durante o turno com um colega meu, um pouco aborrecido pelo nosso trabalho, aborrecido em geral com a vida e zangado, recriminador, com o cristianismo. Um dia tínhamos acabado o turno, estávamos a fumar o último cigarro antes de ir para casa, ele olha para mim e diz-me: «Devo perguntar-te uma coisa». «Diz-me». «Mas tu, porque amas assim? Eu quero que tu me ensines a amar como tu amas.» A mim isto impressionou-me porque me dei conta que, muitíssimas vezes, coloquei-me a questão sobre a relação com os meus colegas (até a respeito do filme sobre CL e tantas outras coisas), mas este episódio iluminou o facto de que a ligação, a ponte, que existe entre aquilo que me aconteceu a mim e quem tenho diante sou eu! Eu, eu como necessidade. Eu não sei porque é que ele me fez aquela pergunta exactamente naquele momento, não o sei, tanto que fiquei sem palavras, e depois continuámos a trabalhar juntos nos dias seguintes e não sei onde isto levará. Porém, para mim, foi acima de tudo um impacto o dar-me conta de poder renascer ali dentro, porque uma pergunta assim tem a ver com aquilo de que eu tenho necessidade.

É um outro que, por vezes, como neste caso, nos desperta a nós próprios, de modo absolutamente imprevisto, vendo a nossa modalidade de estar no real. Dizemo-nos isto não para nos contentarmos

ou nos louvar, mas para nos darmos conta que o facto de nos ser feita uma pergunta assim já nos desperta.

Também eu no trabalho sobre a Escola de Comunidade parti da pergunta que tu fizeste: como se faz para viver intensamente o real, dia após dia? Que coisa desperta o desejo? E, olhando-me em acção, pude ver que tudo é mais verdadeiro quando enfrento as coisas partindo de Cristo, isto é, com a consciência de não estar sozinha, porque Cristo está comigo. Cristo: aquele beleza que entrou na minha vida há mais de trinta anos e que ainda agora reacontece seguindo-te. O desejo redespertou exactamente no seguimento, no seguir aquilo que a Igreja e o movimento me indicam. Cristo chama-me aqui e agora através da nossa companhia, e assim, de modos quase sempre imprevistos e imprevisíveis, a minha relação com Ele torna-se mais sólida, cimenta-se, de tal forma que agora posso dizer que não me sinto – jamais! – abandonada por Ele. Só n’Ele e d’Ele posso voltar a partir, porque os momentos obscuros no dia existem sempre, mas a luz para a qual olhar está. É exactamente a memória de Cristo que me dá um respiro diferente no enfrentar as coisas. Se penso na minha história dizer agora estas palavras faz-me pele de galinha porque há cinco anos quando morreu tragicamente a minha irmã eu estava zangada com Cristo, porque havia permitido a sua morte, tinha-ma tirado. Mas precisamente aquele facto tão doloroso encurralou-me e obrigou-me a verificar se verdadeiramente Cristo ajuda a viver, isto é, se me ajuda a viver sobretudo uma dor tão forte e dilacerante. Agora pode acontecer-me qualquer coisa, como nestes últimos anos me tem acontecido, mas Cristo é tão certo para mim que não temo coisa alguma, podem até tirar-me tudo, mas Cristo não, não pode ser tirado da minha vida porque vive em mim, no eu tornado novo e certo da Sua presença. Como diz sempre don Giussani: a companhia está no eu, não existe uma só coisa que façamos sozinhos. Estou a experimentar exactamente aquilo que a minha irmã escreveu na sua última carta antes de enfrentar uma operação que depois correu mal: «Jesus habita a minha vida». Durante meses eu perguntei-me: mas é assim também para mim? Jesus habita a minha vida? Agora digo que sim, porque tudo aquilo que vivo é exactamente para dar glória a Ele, reconhecido como o significado do meu viver. E eu estou nesta estrada, nesta «estrada bela», porque no seguimento aprendo a conviver com Cristo e isto faz-me crescer, certa que tudo se torna sempre mais meu, certa que Cristo reacontece seguindo, isto é, ficando.

Como vemos, a resposta que ressalta da experiência que ouvimos contar é que aquilo que desperta o desejo é a modalidade imprevista e imprevisível através da qual pouco a pouco cresce a certeza de Cristo. Assim nós podemos sempre partir desta memória, que não é um facto do passado, porque nós não podemos arrancá-la de nós próprios. Este é o resultado que Cristo traz à vida: não nos é poupado nada, mas o eu cristão é um eu distinto, é um eu onde tudo é habitado por aquela Presença que ninguém nos pode tirar de dentro. É isto que trazemos ao mundo, que pomos diante de todos no modo de estar no real. Então, aquilo que nos desperta pode ser a realidade de muitas maneiras ou a memória de Cristo. Mas alguém me pergunta através de um email: «retomando o texto e sobretudo vivendo a vida de cada dia, percebo o valor das circunstâncias como guia na experiência concreta e estável de Cristo, mas ao mesmo tempo parece-me que as circunstâncias por si só não bastam. Cristo existe, as circunstâncias existem, mas eu perco-me. Tenho família, trabalho, amigos, circunstâncias e problemas normais, mas a ilógica ou provavelmente lógica alegria frequentemente perde-se. E então que coisa falta?» Que coisa falta?

Fiquei muito impressionado na última Escola de Comunidade pela observação que tu fizeste sobre o “mítico mas” e sobre o “mas depois”, porque eu no fundo sempre segui a Escola de Comunidade e sempre estive convencido de estar de acordo e de perceber. Depois saía da porta e o “mítico mas” e o “mas depois”...

...Entravam pela janela!

Eh, pois. Então tentei responder às perguntas que tu nos deixaste no fim da última vez. E esta é a minha experiência dos últimos anos de tentativas no caminho. Desde o 1º ano, lembro-me que dava pontapés nas pedras da rua perguntando-me porque não podia ser como elas: sem pensamentos e sem problemas. Tantos factos, também dramáticos e dolorosos, aconteceram depois nos anos: a

morte da minha mãe quando eu era pouco mais do que uma criança, a dor da minha irmã que não pode ter filhos, a frustração do meu irmão com um tumor, os tratamentos do meu pai por um cancro que não promete nada de bom. Se tivesse de fazer um saldo, como sempre fiz, é evidente que as contas não bateriam certo, e restar-me-ia, como sempre, uma pietística consolação religiosa, boa mas formal. O facto, porém, de ter sempre tido as contas que não davam certo, encheu-me constantemente de tantas perguntas a respeito de tudo, e sempre tive medo de não conseguir encontrar uma resposta, acabando assim por eliminar e silenciar as perguntas, pensando que era eu que não funcionava ou as minhas circunstâncias eram demasiado más.

Percebem? «Ou era eu que não funcionava ou as minhas circunstâncias eram demasiado más». A consequência disto é que as contas não batem certo, e no fim resta só «uma pietística consolação religiosa, boa mas formal». Como dizia a pergunta que acabei de citar: «Cristo existe, as circunstâncias existem, mas eu perco-me». Temos tudo, mas eu perco-me. E então?

Depois...

«Depois»! Não «Mas depois»... «Depois»!

Depois vi-te a ti. E notei – esta é a coisa que mais me tocou – que não só tu tens mais perguntas do que eu a respeito de tudo, mas sobretudo não tens medo delas. Mas como? És o responsável, etc. etc. Deverias ter respostas! Assim para mim viver intensamente a realidade tornou-se um deixar explodir todos os dias estas perguntas que são mais eu do que eu próprio, são a minha natureza de que sempre tive medo. A nostalgia, a tristeza e a solidão são companheiras todos os dias, e não só não se dissipam, mas aumentam com o tempo, e assim tornaram-se-me caras. Não passa um dia sem que ao menos uma palavra ouvida ou um pensamento acolhido ou uma frase lida ou o cruzar de um olhar entre nas minhas perguntas, me abane e me faça desejar ser de novo. Eu não sou um herói do desejo que não me posso dar, mas dou-me conta dele quando me é reaceso.

E então, o que falta? O que falta à fé, tantas vezes? Falta o eu. Porque não basta dizer: «Cristo existe». Não basta dizer: «As circunstâncias existem». Eu posso perder-me de qualquer maneira. Dizíamo-lo numa passagem dos Exercícios da Fraternidade de 2009: «Mas como é possível – se é tão patente este testemunho, se estamos rodeados duma tão grande quantidade de testemunhas –, como é que, pouco depois, estamos de novo desorientados, atados no nosso sentimento, sufocados na circunstância? O que falta hoje entre nós não é a Presença (estamos rodeados de sinais, de testemunhos!); falta o humano. Se a humanidade não está em jogo, o caminho do conhecimento pára.» (J. Carrón, «Da fé, o método», suppl. a *Passos*, n. 5/2009, p. 21). Então o que é que faz Cristo? Em que é que se documenta que Cristo existe e que Cristo está verdadeiramente a dar um contributo ao que me falta? Torna-nos cientes de que assim as contas não batem certo. Porque também a mim as contas não me batiam certas; e eu, de consolo religioso, tendo entrado no seminário aos dez anos, tinha quanto quisesse. Mas as contas não batiam certo. Percebo-o muito bem, por isso sei perfeitamente o que faltava, e sempre vos disse que eu agradeço a *don* Giussani porque, desde que o conheci, me consentiu fazer um caminho humano que envolve o meu eu no meu caminho, fazendo-me tomar a sério as perguntas (porque a pergunta é uma parte fundamental do caminho). E por isso agora tenho menos medo das perguntas, aliás, verdadeiramente considero-as amigas. Venham de onde vieram, saiam de onde saírem, surjam de onde surgirem, uma pergunta é sempre algo que me põe em movimento à procura duma resposta. Sem as perguntas Cristo permaneceria um «puro nome», diz Giussani. Mas nós tantas vezes queremos poupar-nos exactamente isto! O resultado é uma fé formal, que depois diante das coisas nos faz ficar sem palavras. Não é uma obstinação do Mistério contra nós. Tudo o que nos acontece – sempre ouvimos *don* Giussani dizer-nos – é para o nosso amadurecimento, ou seja para que emergja sempre mais um eu consistente. E precisamente esta consistência é a coisa que verdadeiramente surpreende hoje na realidade, como testemunha a pergunta que foi feita à amiga que interveio antes: «Mas tu porque amas assim?». Porque é que é possível estar na realidade assim? Conversas religiosas, todos têm para vender, como também nós. Mas aquilo de que precisamos nós e de que precisam os outros é de encontrar alguém em quem acontece qualquer coisa que redesperte outra vez o desejo. Isto é possível.

Queria partilhar com todos vós a minha experiência e o meu encontro com o movimento. Era uma terça-feira qualquer, ia a pé pelo caminho que me teria conduzido a casa. A certa altura, logo depois de ter atravessado uma rua, um rapaz deteve-me pedindo-me para o ouvir por uns minutos. O que queria de mim aquele rapaz? Simplesmente que lhe dedicasse alguns instantes, e disse para mim própria: porquê negar-lho? Começou a contar-me de como Comunhão e Libertação lhe tinha mudado a vida, de quanto o cristianismo e a presença de Deus eram importantes para viver até ao fundo o seu quotidiano. Através da intensidade das suas frases, quanto mais me falava, quanto mais me olhava nos olhos, mais me dava conta de quanto tinha tirado linfa vital à minha existência, nos últimos tempos. Naquele dia aquele rapaz deu-me a Tracce (Passos), uma revista como outra qualquer, aparentemente. Mas desde quando comecei a ler os testemunhos das pessoas, o meu coração percebeu de novo o que sejam o espanto, a plenitude e a maravilha. Dizia-me: são só palavras, simples palavras, mas como é que me tocam assim tanto? Em anexo à revista havia o vídeo dos sessenta anos do movimento. Vendo-o, comecei a perceber em que é que consistia Comunhão e Libertação; alguma coisa tocava-me profundamente, mas ainda não me era inteiramente claro. Alguns dias depois falei nas minhas dúvidas e fiz as minhas inúmeras perguntas àquele rapaz, o qual, procurando pôr-me diante da experiência verdadeira e concreta, me convidou a participar na Escola de Comunidade. Não nego que, desde o momento em que ouvi aquelas pessoas maravilhosas falarem sobre a própria vida e sobre o seu quotidiano, com imensa espontaneidade dei-me conta de quanto o meu mundo tinha estado imóvel até àquele momento. Foi também muito emocionante ouvir aquele rapaz dizer quanto o nosso encontro o tivesse provocado a ele mesmo, porque lhe tinha permitido redescobrir a beleza do que lhe tinha sido dado. Desde o dia em que encontrei aquele rapaz e todos os seus esplêndidos amigos, que agora considero também meus, recomecei a sentir a presença de Deus na minha vida mais forte do que nunca, recomecei a encontra-Lo sozinha e junto com eles. Só lhe posso dizer obrigado por me ter permitido fazer parte deste mundo, obrigado por me ter permitido estar na primeira fila no início deste novo percurso que é a minha vida junto com todos vós. Agora levanto-me de manhã com um objectivo, com a vontade de gozar a presença de Deus em cada momento do meu dia e com a imensa energia que me leva a querer encontrar todos eles cada dia para poder contar cada uma das coisas que me espantam e me provocam em cada instante da minha vida.

Obrigado, cara amiga. A proposta de um gesto como a venda da *Tracce* com o DVD em anexo provocou neste rapaz a descoberta da beleza para si, vendo aquilo que acontecia nela. Um universitário contou-me uma coisa parecida, que encontrou e convidou um rapaz muçulmano para ver o vídeo, que no fim lhe disse: «Eu não sabia que existia uma coisa assim, não me tinha dado conta de que pudesse existir. O mundo tinha que saber disto!» Temos o testemunho de muitos agradecimentos como estes, e não porque somos bons, mas porque partilhamos com os outros o Acontecimento que nos tomou. É este o caminho que fizemos ao longo destes meses graças à venda da *Tracce*, uma experiência na qual cada um dos que nela participou pôde experimentar uma enorme possibilidade de testemunhar aos outros o que nos aconteceu. Por exemplo, uma pessoa contou-me que tinha visto o vídeo com um colega seu que sempre tinha sido adverso ao movimento, devido a uma experiência que teve com um de nós no passado; mas depois do vídeo, teve que admitir: «Isto não bate certo. Vi uma coisa diferente do que imaginava». A novidade que se introduziu nesta pessoa, que tinha e terá tantas coisas a apontar-nos, não foi o fruto duma dialéctica, mas do encontrar-se diante da vida de tantos de nós que, com todos os limites que sabemos ter, tentaram partilhar o Acontecimento com outros. Por isso, no final deste período de empenho pela venda da *Tracce* com o vídeo anexo, temos verdadeiramente que nos tornarmos conscientes do que nos aconteceu, para que não fique um gesto não ajuizado, ou seja, uma experiência da qual não fazemos tesouro. Neste ano perguntámo-nos muitas vezes: o que é a presença? Como é que podemos estar presentes numa situação histórica como esta? Cá está, vimos que não é assim tão complicado, porque muitas e muitas pessoas foram tocadas e “mexidas” pela

beleza daquilo que viram como sendo uma estrada possível para elas, encontrando-se diante duma humanidade que desejariam também para si mesmas. Aconteceu alguma coisa de imprevisto também para nós, que tantas vezes nos perguntávamos: como é que podemos comunicar o que nos aconteceu? Foi fácil, exactamente como *don* Giussani sempre o descreveu: é alguma coisa que vem antes de qualquer outra explicação. Tudo se pode resumir àquela frase de *Qualquer coisa que vem antes*: «O acontecimento de Cristo faz-se presente “agora” num fenómeno de humanidade diferente: um homem embate nele e nele surpreende um pressentimento novo de vida, alguma coisa que aumenta a sua possibilidade de certeza, de positividade, de esperança e de utilidade no viver e o impele a seguir» (L. Giussani, «Qualquer coisa que vem antes», *Passos*, n.10/2008, p. 1). É simples. Porque, como é evidente no vídeo, a linguagem do facto é o testemunho, uma novidade de vida que se vê, uma experiência humana desejável. E por isso, comunicando-o aos outros, damos por nós também surpreendidos com o que temos, com a graça que nos aconteceu. Dizia-o agora a nossa nova amiga: ela própria ficou surpreendida que o rapaz que encontrou se tenha tornado consciente daquilo que ele trazia consigo ao comunicá-lo a ela. A fé cresce quando é dada, cresce quando é testemunhada. Somos nós os primeiros a colher os frutos dos gestos que nos propomos. Quantos de vocês o testemunharam, em muitas cartas que chegaram a propósito do trabalho da venda da *Tracce* e da difusão do vídeo, dos encontros para o ver juntamente com os vizinhos, com as pessoas do condomínio, com os colegas, com os amigos. Os primeiros a ganhar fomos nós, como consciência daquilo que nos aconteceu. E como é que o Mistério o voltou a dar-nos? Não fazendo um discurso, mas em carne e osso, através das mudanças que aconteceram aos outros, através do espanto de palavras novas cheias de significado. Tínhamos razões para nos empenharmos neste gesto devido ao que nos aconteceu, e vimos que este empenho teve como frutos ganharmos ainda mais razões! «Tinha decidido, por muitos e muito válidos motivos, não me disponibilizar para a venda da *Tracce*. O pároco, porém, aproximou-se e pediu-nos para sermos nós a apresentar o gesto no final da Missa. Eu pensei: porquê logo eu, não pode ser outro a fazê-lo? Na noite anterior a este convite do pároco, a Escola de Comunidade tinha-nos precisamente chamado a viver este gesto testemunhando o que significava para nós sermos do movimento: o movimento sou eu, a *Tracce* sou eu. Eu tinha-o deixado escapar, tanto não me dizia respeito. Mas naquela altura tive que deixar uma brecha ao Mistério para que pudesse entrar no meu coração; assim disse que sim e comecei pela primeira vez a perguntar-me porque faço questão de ir à Escola de Comunidade, ao movimento, a ser cristã. Descobri que estava nesta estrada na Igreja porque fui chamada, escolhida, sinto-me preferida e estou contente por ser cristã. Assim, pedi à assembleia dos fiéis na igreja para partilharem esta minha alegria comprando precisamente a *Tracce*. O método é mesmo estar diante da realidade antes de nos defendermos dela, com o espanto da criança que, diante duma coisa inesperada, diz: «Oooh!». Porque esta não é uma tentativa de forma alguma autocelebrativa, a ninguém o vídeo permitiu esta autocelebração. Como dizia o Davide Prosperi durante uma reunião: «Vê-lo foi estar diante duma Presença que de alguma maneira te julga, num sentido positivo. Não nos deixou indiferente [uma pessoa sente-se posta causa em relação aquilo que vive]. Em que sentido te julga? Diante de alguém que te conta uma coisa bonita ou que te faz ver que há alguém que faz coisas grandes, sentes imediatamente o desejo duma plenitude de vida que é mostrada já em acção numa realidade humana que tem tantos rostos, tantos aspectos, mas da qual vês imediatamente o fio condutor, seja na Ásia, na América ou na Austrália. E vês que realmente é a mesma coisa que está a acontecer, com rostos diferentes. Uma pessoa que há muitos anos estava um pouco à margem do movimento, vendo o vídeo disse-me: «Mas o que é que eu perdi durante todos estes anos?». Na sua simplicidade, isto impressiona porque quer dizer que uma pessoa sente a sua vida ajuizada como uma possibilidade. Neste sentido, é um juízo positivo, é um juízo que escancara o desejo, que não deixa indiferente, que não nos deixa apenas um gosto estético, mas nos desperta toda a vontade de “um mais”, porque uma pessoa se sente ajuizada diante de uma Presença». É o convite com que Cristo nos chama ainda, tem piedade de cada um de nós. Por isso, ter participado num gesto assim trouxe a tantos de nós uma riqueza inesperada. Espero que cada um de nós possa fazer tesouro disto, porque todos os gestos que nos propomos, todas as propostas que nos fazemos, só têm isto

como objectivo. E assim não nos deixamos tranquilos, oferecendo-nos sempre esta possibilidade. Por isso, na próxima Escola de Comunidade, retomamos a última parte da Jornada de Início de Ano. Vimos hoje como tudo se joga na dramaticidade da vida. E agora propomo-vos que tenham diante de vós durante este mês a parábola do filho pródigo. Nela vemos como a realidade tinha sido dada àquele filho, e como a realidade era boa, toda ela boa: um pai, uma casa, bens. Tudo era positivo, mas não chegou. Pensem que o homem é criado por Deus não numa casa como aquela do filho pródigo, mas sim no paraíso terrestre, e o Pai passeava todas as noites com o homem! Mas como tinha sido criado livre, o homem tinha que decidir aceitá-Lo, acolhê-Lo, porque não há acesso à verdade senão através da liberdade. No entanto, muitas vezes nós sentimos apertado o que nos foi dado, tal como o filho pródigo sentia que a sua casa era apertada. E decide abandoná-la para ir atrás duma imagem de realização diferente da que lhe tinha sido dada, para ir atrás duma percepção reduzida da necessidade do seu próprio eu. Por isso o pai deixa-o ir, e começa a grande aventura da vida. De quanto tempo precisamos para percebermos verdadeiramente qual é a nossa necessidade e assim podermos redescobrir a graça de termos um Pai? Por isso lanço-vos algumas perguntas. Que percurso teve que fazer a tua liberdade para descobrir a verdade? Em que é que pudeste descobrir algum pedaço de verdade, algum aspecto da vida, através daquilo te aconteceu na vida? Nada, como vimos, é automático. Nada é automático, porque Deus não quer nenhum automatismo. O pai da parábola não quer um filho que esteja em casa formalmente, porque o filho, a um dado momento, cansa-se e vai-se embora; e que não basta ficar formalmente, podemos vê-lo na atitude do filho mais velho, que ainda não aprendeu o que significa ser filho e então queixa-se. Parece-me ser uma questão que todos devemos ter presente.

A próxima Escola de Comunidade terá lugar na quarta-feira, dia 17, às 21.30.

Sábado dia 29 de Novembro terá lugar a **Jornada Nacional de Recolha de Alimentos**. É outro gesto proposto à nossa liberdade. Todos os anos propomos a todos que participem neste gesto, e no **período de Natal** que apoiem as **Tendas Avsi**. Porque é que fazemos estes gestos? Temos que recuperar novamente as razões, porque nada é automático. Cada geração deve recuperar as razões, porque gestos como estes tiveram início há anos, mas não se pode viver dos rendimentos, temos que recuperar novamente e sempre as razões, como dizia Bento XVI, vivendo estes gestos como ocasiões educativas para nos despertarmos a nós mesmos, como vimos na venda da *Tracce*: quantas pessoas, ao fazê-lo, tiveram que se dar as razões e as redescobriram no diálogo com os outros ou naquilo que os outros disseram. Assim, estes gestos são antes de mais para nós, não para resolver o problema da fome, até porque não seríamos capazes. Não podemos pensar que resolvemos tudo sozinhos ou com qualquer estratégia de voluntariado. Aquilo que fazemos com a Recolha de Alimentos e com as Tendas Avsi é dar um pequeno sinal, através destes gestos nós tomamos consciência da natureza da nossa necessidade. É a necessidade que temos é a de aprender a gratuidade em todas as relações, porque nos interessa viver a gratuidade em família, entre namorados, no trabalho, na comunidade; é esta a finalidade pela qual *don* Giussani nos educou para a caritativa. Dando-nos conta de qual é a natureza do nosso problema humano, poderemos começar a perceber a graça que nos aconteceu, como dizia João Paulo II: «Não haverá fidelidade [...] se no coração do homem não se encontrar uma pergunta para a qual só Deus tem a resposta» (João Paulo II, *Homilia, Viagem à República Dominicana, México e Bahamas*, Cidade do México, 26 de janeiro de 1979). Neste momento histórico, em que é palpável a redução do eu, a proposta destes gestos é algo de crucial para reconquistar a consciência de nós mesmos. Por isso, ao mesmo tempo, respondemos a uma necessidade e adquirimos consciência de nós mesmos e da nossa necessidade. O contributo que, depois, podemos dar aos que, embora não sendo do movimento, participam na Recolha e nas Tendas, é precisamente o de poder tocar, pelo menos neste momento, a orla do manto através de nós, que vivemos este gesto com a consciência que *don* Giussani despertou em nós, para a qual nos educou com o gesto da caritativa.

Está disponível o **Manifesto de Natal**, quer no formato grande, quer no pequeno. São dois os textos propostos. O primeiro é do Papa Francisco: «A fé, para mim, nasceu do encontro com Jesus. Um encontro pessoal, que tocou o meu coração e deu uma direção e um sentido novo à minha existência. Não se trata, portanto, de alguma coisa de exterior ou de forçado, mas de alguma coisa que brota de dentro e que se impõe por si. Jesus, de facto, espanta-nos, perturba-nos, renova-nos.». O segundo é de *don* Giussani: «É um Outro que toma iniciativa sobre a nossa vida, assim, é um Outro que salva a nossa vida, leva-a ao conhecimento do verdadeiro, leva-a à adesão à realidade, leva-a à afeição pelo verdadeiro, leva-a ao amor pela realidade. Se aceitarmos este anúncio como uma hipótese de trabalho, então recuperamos o alento, tudo se torna mais simples, chamamos pão ao pão e vinho ao vinho, vida à vida e morte à morte, amigo ao amigo, ficamos mais contentes e tudo se torna ainda mais origem de espanto. E quanto mais uma pessoa procura viver isto, tanto mais percebe a desproporção, e caminha humildemente, porque este Outro que intervém me toma em cada momento, toma-me e retoma-me, relança-me, e realizará a obra que começou: faz-nos chegar ao destino.». Mais adequado ao nosso caminho, agora, é impossível de encontrar.

Novas datas do Meeting de Rimini. Esta é uma novidade histórica, atenção! Peço-vos para tomarem nota desde já que o próximo Meeting terá lugar de **quinta-feira 20 a quarta-feira 26 de Agosto de 2015**, com encerramento à meia-noite.

Veni Sancte Spiritus